



O SUL DA PANDEMIA: corpos dispensáveis pelos cavaleiros da morte no apocalipse¹

THE SOUTH OF THE PANDEMIC: bodies dismissed by the death knights in the apocalypse

EL SUR DE LA PANDEMIA: cuerpos prescindibles por los caballeros de la muerte en el apocalipsis

Pedro Henrique Alves de Medeiros² & Edgar César Nolasco³

Resumo: Este trabalho tem por objetivo realizar uma leitura descolonial da pandemia de COVID-19 iniciada em março de 2020 a partir dos seus desdobramentos no Brasil, à época, (des)governado pelas políticas de poder hegemônicas de Jair Messias Bolsonaro. Para isso, orientamo-nos pelas reflexões de Silviano Santiago, Walter Mignolo, Edgar César Nolasco, Aníbal Quijano, Newton

¹ Tendo em vista que ingressei no Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em 2021, julgo necessário pontuar que este trabalho foi pensado e produzido no ano de 2023, três anos após a emergência sanitária pandêmica causada pelo vírus da COVID-19.

² Pedro Henrique Alves de Medeiros Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5872-1626>. Email: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

³ Edgar César Nolasco orientador é professor titular da UFMS e coordenador do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS, além de Membro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL e Membro do Conselho deliberativo da ABRALIC gestão 2024-/2025. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: ecnolasco@uol.com.br.

Bignotto, Heloisa Starling, Miguel Lago, Ramón Grosfoguel e Boaventura de Sousa Santos com destaque à obra *O futuro começa agora* (2021). As discussões aqui evocadas se projetam a fim de comprovar como premissas de base modernas e coloniais, endossadas pelo Bolsonarismo, desprezaram corpos específicos em detrimento a outros endossando o ideal capitalista de que tudo e todos podem ser tornados mercadorias dispensáveis sem quaisquer princípios de prezar pelas vidas, em especial, aquelas situadas nas margens descortinando a perspectiva de que, tal qual o mundo, a pandemia de coronavírus acabou por criar também seu Sul.

Palavras-chave: Pandemia; COVID-19; Brasil; Descolonialidade.

Abstract: This work aims to conduct a decolonial reading of the COVID-19 pandemic started in March 2020 from its unfoldings in Brazil at the time, (mis)governed by the hegemonic power policies of Jair Messias Bolsonaro. For this, we are guided by the reflections of Silviano Santiago, Walter Mignolo, Edgar César Nolasco, Aníbal Quijano, Newton Bignotto, Heloisa Starling, Miguel Lago, Ramón Grosfoguel and Boaventura de Sousa Santos highlighting *O futuro começa agora* (2021). The discussions evoked here project themselves in order to prove as basic modern and colonial premises, endorsed by Bolsonarism, have despised specific bodies to the detriment of others endorsing the capitalist ideal that everything and everyone can be made expendable commodities without any principles of valuing lives, especially those situated on the margins unveiling the perspective that, like the world, the coronavirus pandemic also created its South.

Keywords: Pandemic; COVID-19; Brazil; Decoloniality.

382

Resumen: Este trabajo tiene por objetivo realizar una lectura descolonial de la pandemia de COVID-19 iniciada en marzo de 2020 a partir de sus desdoblamientos en Brasil, a la época, (des)governado por las políticas de poder hegemónicas de Jair Messias Bolsonaro. Para ello, nos orientamos por las reflexiones de Silviano Santiago, Walter Mignolo, Edgar César Nolasco, Aníbal Quijano, Newton Bignotto, Heloisa Starling, Miguel Lago, Ramón Grosfoguel y Boaventura de Sousa Santos con destaque a la obra *O futuro começa agora* (2021). Las discusiones mencionadas aquí se proyectan a fin de comprobar como premisas de base modernas y coloniales, endosadas por el Bolsonarismo, han despreciado cuerpos específicos en detrimento de otros respaldando el ideal capitalista de que todo y todos pueden convertirse en mercancías prescindibles sin ningún principio de valorar las vidas, en particular aquellas situadas en los márgenes, descubriendo la perspectiva de que, tal cual el mundo, la pandemia de coronavirus acabó por crear también su Sur.

Palabras clave: Pandemia; COVID-19; Brasil; Descolonialidad.

Estamos todos a viver e a sobreviver *sob o império da pandemia causada pelo vírus COVID-19*. De corpo presente em todo planeta e a reproduzir

rebanhos intermináveis e indomesticáveis por vacina, o vírus encontra morada e alimento nos humanos. Deixa-se espalhar por todas as comunidades, ameaçando, destruindo e nos sugando vidas. Estou pensando. Não consigo pensar e, ao mesmo tempo, escrever. Estou pensando.

Silviano Santiago. 12 de outubro de 2020, s/p, grifos nossos.

Como explicar o sucesso eleitoral do cavaleiro da morte? Como explicar um apoio tão popular e sincero a Bolsonaro, a despeito das mais de 600 mil vidas ceifadas por um vírus desenfreado com o qual os atos do mandatário diretamente contribuíram?

Newton Bignotto; Miguel Lago; Heloisa M. Starling. Introdução, p. 08, grifos nossos.

A devastação causada pelo coronavírus como que aponta *para um apocalipse em câmera lenta*. [...] Muita gente não vai querer pensar em alternativas de um mundo mais livre do vírus. Vai querer o regresso ao normal a todo custo por estar convencido de que qualquer mudança será para pior.

Boaventura de Sousa Santos. *A cruel pedagogia do vírus*, p. 45, grifos nossos.

Alguma coisa se perdeu em março de 2020, algo se foi sem dar adeus e o mundo não é mais o mesmo. Fomos todos, falecidos e sobreviventes, *decepados pela guilhotina da pandemia descortinando uma angústia tão fúnebre quanto o caixão mortuário e a inevitável cova rasa para os muitos defuntos em estado de empilhamento* (Santiago, 2020a). Cindidos por esse estilhaçar dos corpos amontados, entrevemos que *nossas vidas estavam, mais do que nunca, em risco* (Santiago, 2019); *nosso país, enquanto um corpo que desde 2018 já doía* (Daflon, 2022), gritara de maneira incessante através dos ecos sobressalentes das vozes dos familiares, amigos eleitos e amores daqueles que se foram sem a oportunidade de reverberar suas últimas palavras pulverizadas nos ares virais do Brasil em quarentena. Trancafiados em casa, fomos permeados pelo medo pujante daquilo que, decorrido algum tempo, construiria seu império (Santiago, 2020a) sub judice às artimanhas políticas dos cavaleiros da morte (Bignotto; Lago; Starling, 2022) em direção ao apocalipse (Santos, 2021).

Dessa feita, retomamos o título deste trabalho, “O Sul da pandemia: corpos dispensáveis pelos cavaleiros da morte no apocalipse”, bem como os excertos epigrafados angariando discutir de que modo a pandemia desenhou sua exterioridade, isto é, no plano da descolonialidade, seu Sul (Meneses; Santos, 2010). Nesse preciso sentido, alcunha-se a premissa moderna/colonial a partir da

qual muitos corpos podem ser descartados em favor a alguns outros com base na premissa de que tudo e todos são mercadorias (Quijano, 2019). Tal intento só pôde ser exercido, de fato, através das artimanhas retóricas e ações dos cavaleiros da morte (Bignotto; Lago; Starling, 2022) em busca do apocalipse (Santos, 2021); dito de outra forma, só incorremos na marca de 600 mil mortos (Bignotto; Lago; Starling, 2022) pelo coronavírus por haver uma projeto de poder moderno/colonial coadunado pelo chefe do Estado em exercício na época e, ainda, pela continuidade de políticas de morte por via de seus seguidores cegos mediante ao descumprimento de quaisquer normativas sanitárias que tentassem conter os métodos de destruição de um vírus, naquele momento, imparável.

Na esteira das epígrafes reproduzidas, delineou-se um império da pandemia causada pela COVID-19 (Santiago, 2020a) cujo anseio era encontrar morada e alimento nos humanos se espraiando por todos os lados com um só objetivo: destruir-nos e nos sugar a vida, como aferiu o mineiro Silviano Santiago (2020). Ademais, questionamos o sucesso eleitoral do cavaleiro da morte (Bignotto; Lago; Starling, 2022), Jair Bolsonaro, uma vez que seus atos mandatórios, aos Bolsonaristas, contribuíram (Bignotto; Lago; Starling, 2022), de maneira direta, para o número de 600 mil pessoas mortas pela doença (Bignotto; Lago; Starling, 2022). Ainda, sinaliza-se que, na égide de Boaventura de Sousa Santos (2021), caminhamos para um apocalipse em câmera lenta; na nossa articulação, primordialmente no Brasil enviesado pelo autoritarismo latente de um “falso Messias”, um apocalipse (Santos, 2021) muito menos tardio do que os próprios religiosos poderiam um dia crer.

Ao modo do campo semântico que evocaremos com a Figura 1, reproduzida *a posteriori* deste parágrafo a partir de publicação da *Revista Piauí* em maio de 2020, Bolsonaro e seu movimento ideológico não apenas flertaram com a morte, mais do que isso, abraçaram-na e ofereceram hospitalidade à sua figura virulenta lhe brindando com centenas de milhares de pessoas cujas existências eram intermediadas por ressonâncias amorosas com muitos outros, muitos destes sobreviveram; aos ceifados pelo descompromisso latente de Bolsonaro com uma crise sanitária global, ressaltadas as diferenças, *à la* gripe espanhola no século XX, restaram a saudade e o respeito *in memoriam*. Nessa seara, percebemos que, por parte dos amantes da morte, não houve um *pensar coextensivo ao viver em condições adversas aos nossos estilos de vida* (Nolasco, 2020) ditos “normais”, a exemplo da epígrafe de Santos, *um exige o outro e a condição pandêmica nos açoitou pari passu ao fato de nos exigir pensar diuturnamente na doença, nos*

cuidados com os outros, na efemeridade da vida e na própria morte (Nolasco, 2020) em si mesma enquanto o fim absoluto daqueles que amamos na realidade material.



385

Figura 1 – Capa da *Revista Piauí* em que Jair Messias Bolsonaro flerta com a morte

Fonte: https://piaui.folha.uol.com.br/wpcontent/uploads/2020/05/capa_164_interna.jpg

Mediante ao exposto não só pelas epígrafes, mas, em primordial, pelo espectro imagético tracejado pela capa da *Revista Piauí* reproduzida, concebemos que, por mais que esta discussão em si mesma não dê conta de tamponar, resolver ou até mesmo restituir tudo que se perdeu, *nossos corpos não ficaram alheios à condição pandêmica* (Nolasco, 2020). Estas perlaborações críticas se *lançam e ensinam pensar a dor da perda* (Nolasco, 2020) ao mesmo tempo que vêm *problematizando a vida por meio dos nossos próprios corpos* (Nolasco, 2020).

Munimo-nos ainda dessa circunstância pelo crivo da realidade visceral de uma doença respiratória pulverizada aos múltiplos lados, fronteiras, margens e bordas do Brasil do planeta descortinando descolonialmente as *dimensões ocultas dos eventos, tanto na esfera da economia quanto do conhecimento, ou seja, a dispensabilidade e a descartabilidade da vida humana* (Mignolo, 2017a) para o sistema capitalista em curso.

Por detrás da lógica inculcada nos preceitos Bolsonaristas, esconde-se a *retórica da modernidade/colonialidade em que suas práticas capitalistas implicam, como condição sine qua non, a premissa de que alguns corpos específicos são “naturalmente” dispensáveis* (Mignolo, 2017a). Por isso, de maneira não-irônica, as epígrafes selecionadas nos desvelam o horizonte de que o Bolsonarismo traçou um Sul (Santos, 2020) da pandemia aferindo que os exteriorizados seriam insignificantes para os cavaleiros da morte (Bignotto; Lago; Starling, 2022) marchando em prol do absoluto apocalipse (Santos, 2021). Em suma, a proliferação irrestrita da COVID-19 em que *os puros e eleitos estariam destinados a gerar uma nova espécie de pessoas específicas a salvo em um lugar idílico criado com fim de purificar a terra* (Silva, 2020). Na égide do aferido por Santiago (2020a), estivemos todos remanescendo sob o império da pandemia e, ainda, através da sua intromissão ditatorial elevada à última potência de morte pelo (des)governo da época, também situado no campo semântico autoritário através do suposto Messias ocupando o posto de (des)governante do país e incrustado na contracorrente a quaisquer tentativas de contenção dos óbitos que, *a posteriori*, alçando 600 mil em números (Bignotto; Lago; Starling, 2022), seriam eminentes em uma escala abissal de guerra.

Assim sendo, *o ano de 2020 foi o responsável pela maior crise sanitária dos últimos cem anos* (Lago, 2022); por esse motivo, jamais poderíamos ignorá-lo no âmbito do saber, sobretudo, por sentirmos na carne, na mente, nas emoções, nos atos de cuidado, no bem-viver coletivo, enfim, no fazer comunal, nossas *práxis* do pensar entremeada à do viver a fim da dignidade humana generalizada e sem reticências. Na contracorrente cabal a isso, o cientista político Miguel Lago (2022) entoa que, nas primeiras semanas de março de 2020, Bolsonaro adotou um discurso alinhado com o até então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, dentre os muitos outros sucessores que seriam contratados e demitidos em questão de semanas, isto é, desincentivou os movimentos de seus apoiadores irem às ruas em manifestações contra o Supremo Tribunal Federal (STF). Porém, dias depois, direcionou-se a um caminho oposto ao saudar Bolsonaristas e se envolver em

aglomerações – naquele momento, no início dos primeiros casos documentados no Brasil, em absoluta oposição aos órgãos de saúde pública.

A partir disso, desencadearam-se os contornos das intromissões ditatoriais (Santiago, 2020a) não apenas da pandemia, mas, novamente, do presidente em exercício, alcunhando um império (Santiago, 2020a) regido pela sua simbologia enquanto cavaleiro da morte (Bignotto; Lago; Starling, 2022) em marcha unilateral ao apocalipse (Santiago, 2021) pandêmico resultando em uma sucessão de políticas de morte àqueles que não tinham possibilidade alguma de sobreviverem sem a resguarda do Estado (Bignotto; Lago; Starling, 2022). Em outros termos, *a emergência sanitária iniciada pela pandemia não fez outra coisa que senão expor a profundidade deste país desigual* (Bignotto; Lago; Starling, 2022) atravessado por sobressalentes desigualdades generalizadas. *Ainda que o vírus contamine de maneira aleatória* (Bignotto; Lago; Starling, 2022), *as mortes, bem como a quarentena, no geral, têm seu próprio Sul* (Santos, 2020), *cor, classe social, idade, histórias locais singulares, escolaridade etc. atingindo, em maior escala, as populações negras, idosas, moradoras de periferias, analfabetas e sem acesso aos meios de comunicações digitais* (Bignotto; Lago; Starling, 2022).

Como corroboração ao caráter moderno/colonial da pandemia nestes trópicos verde-amarelos, mencionamos a primeira morte por COVID-19 no Brasil: “Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon” (Melo, 2020). No caso mencionado, a chefe da vítima havia voltado recentemente da Itália, país que naquele momento registrava o maior número de mortos pela doença (Melo, 2020), e, alcunhada pelos paradigmas hegemônicos em *que o trabalho deve sempre se sobrepor ao prezar pela vida* (Nolasco, 2022), acabou por contaminar sua empregada doméstica cuja vida fora ceifada por um vírus em estado de disseminação global em proporções irreparáveis. Diante desse cenário, jamais poderíamos deixar de nos questionar neste trabalho: como narrar, ou melhor, problematizar a morte face não só ao exposto pela manchete citada, mas, sobremaneira, à marca de 600 mil mortos pelo coronavírus (Bignotto; Lago; Starling, 2022) que *a posteriori* chegaríamos no Brasil em virtude das políticas de morte justapostas na contrariedade absoluta ao prezar pelas vidas das exterioridades? Ainda que percorrendo 120 km de sua casa em Miguel Pereira, no sul fluminense, ao Alto Leblon do Rio de Janeiro (Melo, 2020), local com o metro quadrado mais valorizado do país (Melo, 2020), à doméstica não fora concedida misericórdia cristã.

Em outras palavras, não há misericórdia cristã aos corpos racializados, “sub-humanos”, assujeitados e exteriorizados, isto é, alocados no espaço do que se designa pós-abissalmente enquanto Sul (Santos, 2020). Empreendidos por essa perspectiva *outra*, padecemos no bojo das dificuldades que nos são sobressalentes ao problematizar um recorte histórico tão colado às nossas realidades de sobreviventes, uma vez que *isso tudo* que vivemos não está elaborado, mas em estado de fazimento. À maneira que inscreveu Santiago (2020a) na epígrafe aposta, estamos pensando, não conseguimos pensar e, ao mesmo tempo, escrever. De antemão em nossa retórica descolonial por excelência, vemos um descortinar abissalmente rasgado de que a pandemia lançou luz *ao lado mais escuro da modernidade* (Mignolo, 2017a), *ou seja, ao seu binômio inseparável: a colonialidade* (Mignolo, 2017a) e suas artimanhas de exploração e aniquilamento *daquilo tudo* considerado “dispensável” aos seus princípios regidos, em larga escala, pelo acúmulo de riquezas (Grosfoguel, 2010).

Não sabemos ao certo como viver após atravessar um evento histórico tão avassalador em sua extensão de morte, apenas continuamos a sobreviver em favor de políticas *outras* de bem-viver coletivo aos exteriorizados desprezados pelas políticas hegemônicas de poder engastadas à última potência pelo “falso Messias” há pouco tempo em exercício por aqui. Forjados nesses termos de um capitalismo coextensivo, sobretudo, às vidas dos assujeitados às artimanhas de concentração do capital por parte de uma pequena parcela do país, perguntamos: como as pessoas, tais quais a primeira vítima de COVID-19 no Brasil, poderiam se beneficiar da campanha do “Fique em casa”⁴ uma vez que suas subsistências

⁴ A campanha “Fique em casa”, durante a eclosão da pandemia de COVID-19, foi uma alternativa amplamente divulgada pelos veículos midiáticos e, em especial, pelas plataformas digitais a fim de que se intensificasse o isolamento no país, uma vez que, até naquele momento, não existia nenhuma forma de mitigação do coronavírus. Não estamos de forma alguma desconsiderando sua relevância e necessidade no recorte temporal citado, porém, atravessados por um compromisso ético descolonial, jamais poderíamos deixar de tensionar problematizações em torno de seu caráter político, uma vez que sua real aplicabilidade só foi possível de ser executada por aqueles que possuíam condições de trabalhar via *home office*, ou seja, houve todo um lado *outro* simplesmente ignorado de trabalhadores informais, ambulantes, prestadores de serviços, motoristas de transportes públicos, autônomos etc. que tal possibilidade era impensável ou inexecutável. Nesse caso, o Estado haveria de prover condições dignas para essas pessoas sobreviverem, o que, de fato, só aconteceu muito tempo depois, e com extrema pressão de governantes minimamente comprometidos com as vidas brasileiras, com a aprovação do “Auxílio Emergencial”, de 600 reais,

pessoais e familiares se circunscreviam pelo trabalho de prestação de serviços domésticos em que era necessário pegar três conduções de transporte público ao sair de casa no domingo regressando apenas na quinta-feira? (Melo, 2020). *Trabalha-se para viver ou se vive para trabalhar?* (Nolasco, 2022). A resposta é gritante aos nossos olhos descoloniais.

No bojo da notícia quanto à primeira morte de COVID-19 no Brasil e da campanha mencionadas, reproduzimos alguns dos dizeres estampados no *site* da UERJ (2020) quanto ao “ficar em casa” durante a pandemia: “Prepare a pipoca, que o filme é por nossa conta!”, “Aproveite o período de isolamento social para colocar a leitura em dia”, “Já que você não deve sair de casa, aproveite para conhecer alguns museus virtuais” e “Está cansado da mesmice na TV? Que tal experimentar um canal diferente?”. Isso posto, mais uma vez problematizamos politicamente: como aquela mulher que seria contaminada por sua patroa recém-chegada da Itália poderia se preocupar com pipoca, filme, leitura, museu virtual ou até mesmo televisão quando sua sobrevivência *necessitava* como condição *sine qua non* de um não-isolamento em locomoção nos espaços urbanos, de transportes públicos lotados e até mesmo do contato direto com seus padrões?

Nesses termos específicos, somos obrigados, por um compromisso descolonial, a discordar tanto do exposto quanto do replicado por Santiago ao aferir, em texto acerca da pandemia e no bojo de Mário de Andrade, *que a própria dor é uma felicidade* (Andrade *apud* Santiago, 2020b), *paradoxalmente, são opostas, a dor estaria para a tristeza e o prazer para a alegria* (Andrade *apud* Santiago, 2020b), todavia, o mineiro evoca a possibilidade de *fazer o jogo da velha e associar a dor à felicidade* (Santiago, 2020b). Não desconsideramos a importância do entretenimento em tempos de isolamento social e confinamento quase que absoluto aos lares, porém, à frente disso, posiciona-se nossa percepção política do gerido pelo Bolsonarismo em que o acúmulo de riquezas (Grosfoguel, 2010) de uma parcela ínfima da sociedade se justapõe como o fio condutor da dispensabilidade ou não de certas vidas em detrimento a outras. À empregada doméstica, como aos outros 600 mil mortos pelo coronavírus (Bignotto; Lago; Starling, 2022), não houve possibilidade alguma de entretenimento, de associar a

aos que mais necessitavam. A solução encontrada não resolveu o problema, pois, em um país cindido pela abissal inflação, subsistir dignamente com míseros 600 reais se torna uma tarefa quase impossível.

dor do nosso tempo pandêmico à possibilidade alguma de felicidade, uma vez que a matriz de poder que nos (des)governava expurgou sem nenhuma misericórdia cristã suas vidas como se fossem mercadorias desprezadas, dispensáveis e defeituosas para o todo – leia-se Brasil.

Assim, antevemos que *o sistema-mundo capitalista em curso se articula enquanto um sistema econômico determinante para os comportamentos dos agentes sociais através de uma única lógica em que obter lucro* (Grosfoguel, 2010) e, *por extensão, acumular capital* (Grosfoguel, 2010) são quase como as únicas saídas possíveis das quais não podemos escapar. Deslendo, então, tanto os discursos de campanha reproduzidos quanto Santiago, ainda que ambos estivessem bem intencionados, *as ópticas subjetivadas do capitalismo privilegiam sempre as relações econômicas sobre as sociais* (Grosfoguel, 2010); em suma, uma pseudo-urgência de desenvolvimento, progresso e conquista de capital a qualquer custo, mesmo que, para isso, 600 mil pessoas (Bignotto; Lago; Starling, 2022) precisem morrer. Pois, nas palavras do “falso profeta” Bolsonaro (*apud* Queiroz, 2022, s/p), dizia-se que “Eu não sou coveiro”, “Chega de frescura e mimimi”, “COVID apenas encurtou a vida delas por alguns dias ou algumas semanas” e até mesmo “Lamento profundamente, mas é um número insignificante” quando o Brasil chegou à marca de 622.801 mortos em 22 de janeiro de 2022 (Queiroz, 2022, s/p).

390

Conjecturado nessas políticas de morte implicadas à retórica moderna, colonial e imperialista do Bolsonarismo, desvela-se que o capitalismo não se restringe à economia como se poderia supor *a priori*. Muito pelo contrário, seus grilhões de exploração e expurgo encontram pontos de contato no para-além do dinheiro ao alçar ressonâncias com aquilo que descolonialmente concebemos como a colonialidade do ser: a completa dominação dos assujeitados em todas as camadas, dobras, facetas e esferas possíveis ao povoar e destituir não só seu pensamento próprio, suas histórias locais específicas, mas, sobremaneira, seu corpo exteriorizado. No capitalismo, *enredado por constelações da matriz de poder de um sistema-mundo patriarcal, regido pela mercantilização, de princípio moderno/colonial oriundo do eurocentrismo* (Grosfoguel, 2010), fundem-se tais relações de cerne, em absoluto, hegemônico.

Isto é, *hierarquias sexuais, de gênero, espirituais, epistêmicas, econômicas, políticas, linguísticas, raciais* (Grosfoguel, 2010) etc. e, por esse motivo, faz-se impossível da nossa perspectiva descolonial não problematizar os nós coloniais da

pandemia no Brasil sem nos debruçar sobre a tese de que a pandemia, quase como um espelhamento da sociedade a qual nós e os nossos vivemos há 500 anos, acabou por abismar, também, um Sul (Santos, 2021) a partir de seus horizontes de destruição e morte amplificados pelas políticas modernas/coloniais nestes trópicos verde-amarelos. Implicado nessa percepção da realidade abissal que nos entrecortou pulverizada pelo coronavírus gerido pelo império ditatorial (Santiago, 2020a) do cavaleiro do apocalipse (Santos, 2021), reverberamos Santiago (2023) quando assevera que *a pandemia foi um acontecimento tão inesperado, tão violento e tão absorvente* em que a “especialidade de matar” (Bolsonaro *apud* Barbara, 2022, s/p) Bolsonarista regida por paisagens coloniais de poder se descortinaram abertamente frente aos olhos daqueles que queriam enxergá-la.

Atravessados por isso, percebemos que por estas terras sem lei não há políticas do bem-viver a todos sem reticências, mas unicamente uma percepção mercadológica da vida humana e da pobreza que a partir dela fabrica-se. A ideia de um apocalipse (Santos, 2021) aqui gestada não se configura apenas no cenário deste Brasil, à época, (des)governado e em estado de putrefação mortuária; pelo contrário, há mais de 500 anos sobrevive com vivacidade *sub judice* às tentativas de re-existência (Mignolo, 2017b) dos condenados da terra⁵, isto é, a premissa, alargada pela pandemia, de que quem pode menos morre mais. No âmbito do cenário sanitário discutido, o apocalipse (Santos, 2021) se torna material quando grandes parcelas da população não têm poder aquisitivo para sequer comprar máscaras, álcool em gel, produtos de limpeza e seus corpos são carregados, empilhados, amontoados e descartados como mercadorias defeituosas e dispensáveis à maneira que algumas manchetes de jornais pontuam, tais quais: “Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: ‘Não é digno’”⁶ e “Corpos em decomposição amontam-se a céu aberto em cemitério no Brasil”⁷.

⁵ Estabelecemos aqui um intertexto com a obra *Os condenados da terra* de Frantz Fanon.

⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manaus-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml>.

⁷ Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/corpos-em-decomposicao-amontoam-se-a-ceu-aberto-em-cemiterio-no-brasil>.

Por isso, intermediados pelo eixo de argumentação em favor de um bem-viver coletivo não apenas no contexto pandêmico, mas no aspecto geral do país que habitamos, só podemos defender a possibilidade de sobrevivência. Nesses termos, sobreviver implica não um gesto escritural e ensaístico revestido de preciosismos acadêmicos os quais grupos extensivos da sociedade brasileira podem não ter contato; pelo contrário, tensionamos sobrevivência equiparada a um estar em luta pelo padecimento da e na carne corpo-política em uma realidade material e virulenta que nos assassina diuturnamente com base no aval do ex-presidente da República. À moda que afere Santiago (2020b) na esteira de Guimarães Rosa: viver é perigoso. Transfiguramos os dizeres, pois viver em um Brasil que estivera sob o domínio colonial e imperialista do cavaleiro da morte (Bignotto; Lago; Starling, 2022) marchando em direção ao apocalipse (Santos, 2021) pandêmico e definitivo em prol do extermínio dos habitantes e sobreviventes exteriorizados foi, indiscutivelmente, perigoso.

No bojo dos termos descoloniais, *não podemos nos entender sem compreender o vírus, a forma que emergiu, propagou-se e nos colocou em risco condicionando nossas existências ao passo que suas possibilidades de difusão generalizada no planeta puderam, nesta leitura outra, equiparar-se à velocidade da globalização* (Santos, 2021). De algum modo, o coronavírus *se comportou mais ou menos como 1% da sociedade mundial* (Santos, 2021): *um senhor todo-poderoso independente dos Estados* (Santos, 2021), ainda que agraciado pelas (des)políticas de muitos destes, a exemplo do “falso Messias” Bolsonarista, *cuj a razão desconhecia fronteiras tampouco limites éticos* (Santos, 2021) de adentramento no país e no mundo. Como Bolsonaro, a COVID-19 *foi quase nada democrática ao espelhar os grupos sociais que legitimam tais concentrações de riquezas a tão poucos e, à revelia do que vendia o discurso oficial, não atacou de forma indiscriminada* (Santos, 2021).

Ao prefigurar seu Sul (Santos, 2020), a pandemia e a quarentena vulnerabilizaram *os empobrecidos, as vítimas da fome, as destituídas de cuidados médicos, de condições mínimas habitacionais, de segurança no trabalho, de discriminações sexuais, de gênero e etnorraciais* (Santos, 2021). Indo além, ao Bolsonaro elevar à última potência sua retórica de um exímio cavaleiro do apocalipse (Santos, 2021) portador da “especialidade de matar” (Bolsonaro *apud* Barbara, 2022, s/p), interpolou-se um outro ponto ao seu descompromisso latente com o horizonte fúnebre dobrado frente aos nossos olhos: seu negacionismo a quaisquer medidas de contenção às artimanhas de expurgo do coronavírus, sejam

estas: isolamento social, uso de máscaras, descrédito às orientações fornecidas pelos cientistas ou até mesmo, *a posteriori*, a deslegitimação das vacinas. Fazendo jus às alcunhas de “genocida” e “Trump dos trópicos”, ao se aliar aos Estados Unidos também na agenda negacionista, o Messias colonial-imperialista *promoveu a administração da hidroxicloroquina no tratamento do coronavírus* (Santos, 2021), ainda que os pesquisadores da saúde ao redor do planeta afirmassem exaustivamente que tal fármaco não surtiria efeito algum na doença.

Não obstante, *Donald Trump se comprometeu a enviar o medicamento ao Brasil e Bolsonaro ordenou aos laboratórios do Exército produzirem volumes colossais de cloroquina gerando um estoque de dezoito anos sendo que seu prazo de validade é de apenas vinte e quatro meses* (Santos, 2021). Tudo isso se realizou enquanto a América Latina, em junho de 2020 (Santos, 2021), ocupava o lugar de *epicentro da infecção onde as cadeias de contágio subiam em velocidades imensuráveis em diversos loci do Sul global, a citar, na América Latina, em África, na Ásia* (Santos, 2021) e, sobremaneira, no Brasil. Ante a esse cenário de descompromisso e irresponsabilidade, tais especificidades são impossíveis de serem verbalizadas com exatidão, valemo-nos da precisão de Santiago (2020c) quando assente que não só as guerras mundiais que transfiguram nossos comportamentos comunitários de cidadãos e as governanças dos países; *por via das fake news* (Santiago, 2020c), veículos de disseminação midiática dos negacionismos citados, *a extrema-direita mina e abocanha os poderes Estatais ao julgar lamentáveis as conquistas humanas* (Santiago, 2020c).

Pari passu às políticas coloniais e imperialistas dos muitos Trumps e Bolsonaros existentes por todos os lados das fronteiras, *questionava-nos se a inesperada pandemia virótica não nos perlaboraria outras conquistas libertárias podendo nos libertar de governos autoritários, como dos estadunidenses e brasileiros* (Santiago, 2020c). Ao prefigurar que o apocalipse (Santos, 2021) citado existe nos *loci* dos trópicos há 500 anos, Santiago (2020c) nos é necessário para reafirmar que diferentemente da pandemia eclodida em março de 2020, as reações conservadoras se encontram sempre à guarda, à nossa espreita buscando formas de adentrar seus paradigmas coloniais de poder a partir das esquinas das nossas vidas (Santiago, 2020c) exteriorizadas pelos Estados capitalistas cooptados pela óptica de que tudo e todos podem ser descartados em prol da riqueza de poucos.

À revelia do que discursos midiáticos à direita tentaram reproduzir, a *pandemia agravou uma situação de crise em que as populações vêm sendo assujeitadas com base em legitimidades de escandalosas concentrações de riquezas a poucos e boicotes coextensivos a medidas que angariem minar iminentes catástrofes ecológicas* (Santos, 2021). Mascara-se uma óptica pseudo-universal, monotópica e conservadora de que não há caminhos outros ao modo de vida imposto pelo que Santos (2021) denomina de hipercapitalismo, ou seja, um neoliberalismo na posição de vertente dominante do capitalismo. Ao fazê-lo, implicado no que aferimos na égide de Santiago ao problematizar a extrema-direita, *mercantiliza-se a ideia de que não há alternativas ao hipercapitalismo* (Santos, 2021) e, por esse motivo, *as possibilidades outras chegam a nós pelas portas dos fundos de crises pandêmicas, desastres naturais e colapsos financeiros* (Santos, 2021), nunca como uma premissa latente de bem-viver e fazer comunal generalizados.

Assim, naquele momento em março de 2020, não tínhamos ainda o sobressalto de que ali nossas existências mudariam para sempre e que o mundo não seria nunca mais o mesmo, para o bem ou para o mal. Por razões de privilégio racial e econômico, pudemos sobreviver em nossos lares, mesmo que interceptados por *sentimentos de solidão, ansiedade e desespero* (Santiago, 2020b) em um cenário *cuja solidão não seria mais artificial* (Santiago, 2020b). Esta, à maneira que nós, pesquisadores das Letras, fazemos quando *inventamos a solidão ganhando o tempo, soltos e sociáveis em casa, na biblioteca, no parque ou na praia quando olhamos no espelho da página literária escrita e contemplamos a nós mesmos* (Santiago, 2020b). Ante a essa *solidão artificial e exigida* (Santiago, 2020b), passível de ser vivida apenas por grupos sociais aportados em condições mínimas de subsistência, *perfilou-se a trágica transparência do vírus* (Santos, 2010) frente aos nossos olhos *ansiosos e desesperados* (Santiago, 2020b) pela sobrevivência generalizada. Ao perceber as entrelinhas daquele tempo pandêmico, *desenhou-se uma estranha opacidade decorrente da distância entre o cotidiano vivido por nós e pelos nossos, os cidadãos comuns, e os debates epistemológicos deslindados a partir dali* (Santos, 2021). Por esse motivo, outrora pontuamos a insegurança de narrar a morte tratando de uma realidade visceral e materializada do cotidiano que estivera tão colado às nossas experiências escritas a partir do outro lado da margem, desfazemo-nos para nos refazer *outros pós-pandemia*. Projetamo-nos na contrariedade absoluta às *necessidades e aspirações dos mercados, esses*

megacidadões informes e monstruosos que nenhum de nós jamais viu, tocou ou cheirou, cuja presença só implica direitos e zero dever ao cegar nossas existências outras com a imensidão restrita a poucos que sua luz projeta (Santos, 2021).

Nesse ponto fulcral de leitura do cenário pandêmico, Santos (2021) é preponderante ao assegurar que a pandemia foi uma alegoria. Se, por via da perspectiva descolonial, carregamos em nós o sobressalto de que *a colonialidade nada mais é que o lado escuro da modernidade* (Mignolo, 2017a), a pandemia acabou por lançar luz à toda essa obscuridade recalcada nos desvelando o já sabido: o Sul (Santos, 2020) em suas múltiplas facetas e especificidades que de nós nunca se descolou; pelo revés, rasgou-se mais e mais sem precedentes das consequências que viriam à tona no Brasil e no mundo. Em um sentido literal, a COVID-19 *forjou em nós o medo caótico e generalizado da morte sem fronteiras causada por um inimigo pulverizado e invisível em seu modus operandi* (Santos, 2020). Todavia, havemos de ter o sobressalto epistêmico de que *já vivíamos sub judice de outro inimigo invisível todo-poderoso, nem grande nem pequeno, e, sim, disforme: os mercados* (Santos, 2020) e seus interesses específicos. Tal qual o vírus, *o mercado é insidioso e imprevisível em suas mutações* (Santos, 2020), como um Deus teopolítico, *é uno e múltiplo* (Santos, 2020). À revelia deste, *é onipresente no mundo materializado* (Santos, 2020) pelo sofrimento humano padecente no corpo, não no além celestial e divino.

Portanto, os mercados são *uma benção para os que detêm o poder e pulverizam maldições a todos os outros* (Santos, 2020) que existem nas fronteiras, *tanto os humanos quanto a totalidade da vida não-humana aportada no que se denomina de natureza* (Santos, 2020). Onipresentes, tais seres invisíveis encontram ressonâncias de acolhimento e hospitalidade: *o vírus nos corpos, Deus nas igrejas e os mercados nas bolsas de valores* (Santos, 2020) a partir das quais aquilatam métricas de identificação dos corpos passíveis de serem descartados ou não por uma matriz de poder hipercapitalista sem precedentes. A *estranha opacidade* (Santos, 2020) descortinada pelo vírus vem a nos mostrar a celeuma política de que *a crueldade do capitalismo neoliberal* (Santos, 2020), endossada pelo Trump dos trópicos, *incapacitou quaisquer caminhos do Estado de responder a emergências* (Santos, 2020) que urgem dos escombros das *práxis* de destruição das políticas mercadológicas.

Pode-se aferir que o vírus, de alguma forma, endossou as artimanhas de expurgo dos mercados; na égide de Santiago, *chacoalhou os poderes Estatais, tão desnutridos como seus cidadãos, reproduziu-se aos milhares de corpos humanos, cindindo-os com o desfalecer da morte ao nos destrinchar que baixo à Terra veio a ser menos democrático ainda que seus moradores anteriores* (Santiago, 2020a). Ademais, o mineiro (2020a) é pontual quando tensiona uma crítica de caráter político ao trato pandêmico aferindo que sustenta supremacistas brancos nos países de “Primeiro Mundo” e suas “colônias”; na Europa, pessoas idosas, pobres e tomadas por doenças fatais tomaram primeiro o trem da morte como se fossem direto para Auschwitz. No Sul global (Meneses; Santos, 2010), descendentes de africanos e latinos abarrotaram covas abertas em cercanias fronteiriças das cidades (Santiago, 2020a). A pandemia, então, *partiu ao meio e aos pedaços os Estados do planeta dividindo os países pelo crédito ou descrédito* (Santiago, 2020a), no caso do Bolsonarismo, dos governos e cidadãos às tentativas de contenção do vírus pulverizado.

Encaminhando-nos para o fim deste trabalho, se a pandemia, destituída de quaisquer pedagogias, ensinou-nos algo, ainda que à revelia e descortinando o já sabido há muito por nós pensadores descoloniais, foi escancarar, àqueles que querem ler o mundo de uma perspectiva *outra, o fracasso de políticas guiadas pela crença irrestrita de que as sociedades devem estar super orientadas pela economia capitalista* (Mignolo, 2021). Em contextos de emergência sanitária a partir dos quais pessoas são ceifadas à exaustão de forma nada democrática (Santiago, 2020a) em pulverizações mortuárias, urge a necessidade de *invertermos os termos, pagarmos as dívidas, mas jamais às custas das vidas do país* (Mignolo, 2021), tal qual o Bolsonarismo perfilou sem quaisquer princípios *ético-políticos de administração* (Mignolo, 2021) federal. Em conjunto com Mignolo (2021), defendemos, então, o princípio básico de devolver à economia sua função social, reverso ao enclausurar das sociedades a ela, sobretudo, em cenários sem precedentes, nem históricos ou teóricos à maneira que o coronavírus nos interceptou a partir de março de 2020.

Por fim, como constatamos no início deste texto, alguma coisa se perdeu em março de 2020, algo se foi sem dar adeus e o mundo não é mais o mesmo. Para Santiago (2020a), a pandemia foi força estilística, composição intempestiva e impositiva em que se requeria obediência sem exigir submissão, já não se escreve como se fala, não escreveremos mais como escrevíamos. *Estamos permeados por duas crises furiosas, uma global e outra capitalista, que se confundem*

virtualmente com a do próprio sistema capitalista em si, pois não estão separadas tampouco são “naturais” (Quijano, 2019). Os pontos correlacionados nos fizeram entrever que o que está ocorrendo, *a suposta “mudança climática global”* (Quijano, 2019) alargada através das (des)políticas Bolsonaroistas à Amazônia por exemplo, é produto do que a espécie humana tem feito, há muito, à Terra: *processos incessantes de desfazimento das condições de vida do planeta, de forma não-acidental, mas por via das intercepções da matriz hipercapitalista de poder a partir da qual nos habita e, pari passu, habitamos* (Quijano, 2019). Vivemos uma quarentena dentro de outras já existentes e poderemos, enfim, superar a do capitalismo quando tivermos condições de tomarmos o planeta pela insígnia de nossa casa comum, a Natureza como uma mãe originária a quem devemos respeito e não enquanto mercadoria de pertencimento passível de ser explorada sem limites (Santos, 2020). A cabo de Santos (2021), urge a necessidade de compreendermos nosso pertencimento à natureza; quando superarmos esta quarentena originária, poderemos nos considerar mais livres das provocadas pelas pandemias.

REFERÊNCIAS

- BARBARA, Vanessa. Bolsonaro disse que sua ‘especialidade é matar.’ Ele tem sido fiel à palavra. 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2022/03/31/opinion/bolsonaro-brazil-amazon.html>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. Introdução. In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 07-18.
- CM MUNDO. Corpos em decomposição amontoam-se a céu aberto em cemitério no Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.cmjornal.pt/mundo/detalhe/corpos-em-decomposicao-amontoam-se-a-ceu-aberto-em-cemiterio-no-brasil>. Acesso em: 21 jan. 2024.
- DAFLON, Claudete. *Meu país é um corpo que dói*. Belo Horizonte: Relicário, 2022.
- G1. Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: 'Não é digno'. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em->

valas-comuns-de-manaus-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghhtml. Acesso em: 22 jan. 2024.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 455-491.

LAGO, Miguel. Como explicar a resiliência de Bolsonaro? In: BIGNOTTO, Newton; LAGO, Miguel; STARLING, Heloisa M. *Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 19-69.

MELO, Maria Luisa de. Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. *Revista Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu, v.1, 2017a, p. 12-32. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em: 20 jan. 2024.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, 2017b, p. 01-18. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 jan. 2024.

MIGNOLO, Walter. Distancia física y armonía comunal/social. In: GRIMSON, Alejandro (org.). *El futuro después del COVID-19*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Argentina Futura, 2021, p. 137-150.

NOLASCO, Edgar César. Ensaio biográfico: podemos fazer teori(a)zação da fronteira-sul?. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, Campo Grande, v.1, 2020, p. 59-74. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/13019>. Acesso em: 20 jan. 2024.

NOLASCO, Edgar César. *O teorizador vira-lata*. Campinas: Pontes Editorial, 2022.

QUEIROZ, Vitória. 2 anos de covid: Relembre 30 frases de Bolsonaro sobre pandemia. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/2-anos-de-covid-relembre-30-frases-de-bolsonaro-sobre-pandemia/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

SANTIAGO, Silviano. Inconveniências do corpo como resistência. *Suplemento Pernambuco*, Recife, n. 165, 2019, p. 18-21. Disponível em: https://issuu.com/suplementopernambuco/docs/pe_165_web. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTIAGO, Silviano. 12 de outubro de 2020a. Não publicado.

SANTIAGO, Silviano. Literatura e confinamento, a solidão. In: MARQUES, Jorge (org.). *Quarenta em quarentena: 40 visões de um mundo em pandemia*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020b, s/p.

SANTIAGO, Silviano. De próprio punho, por Silviano Santiago (escritor): “Quem sabe se a inesperada pandemia não nos trará outras e extraordinárias conquistas libertárias”. 2020c. Disponível em: <https://lulacerda.ig.com.br/de-proprio-punho-por-silviano-santiago-escritor-quem-sabe-se-a-inesperada-pandemia-nao-nos-trara-outras-e-extraordinarias-conquistas-libertarias/>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SANTIAGO, Silviano. Silviano Santiago volta a Minas para se reencontrar com sua juventude. 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2023/03/21/interna_cultura,1471229/silviano-santiago-volta-a-minas-para-se-reencontrar-com-sua-juventude.shtml#google_vignette. Acesso em: 24 jan. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *O futuro começa agora: da pandemia à utopia*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

SILVA, Fernando de Barros e. Dentro do pesadelo. *Revista Piauí*, Rio de Janeiro, ed. 164, 2020, p. 26-29.

UERJ. Fique em casa. 2020. Disponível em: <https://www.coronavirus.uerj.br/campanhas/fique-em-casa/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

